



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

Josézinho e o Mestre Escola

Por MARIA EMILIA BARBOSA VIANA

COM risadinhas trocistas e ares de manifesta importância, Josézinho ouvia, atento, as fantásticas explicações de três rapazes da aldeia, sobre factos deveras misteriosos que, à noitinha, se passavam num denso pinhal das proximidades.

— «Ora, ora!... Aposto com vocês cem escudos que amanhã vou lá cumprimentar êsses illustres fantasmas e hei-de regressar à quinta, sem a menor beliscadura...».

— «Isso é o voltas!... Assim que o menino se aproximar e presenciarem o que nós temos visto (umas figuras estranhas, uns monstros horríveis, cujos olhos dir-se-iam feitos de lume...) — sempre desejaríamos ver se o menino José se atreveria a chegar-se ao pé dêles, e cumprimentá-los com essa facilidade que diz...» (volveram os ingénuos rapazitos, incrédulos de tanta audácia e pálidos de medo pelos horrores evocados.

— «Vocês sempre me saíram uns palermas! Eu a ter medo de papões?! Devia ter sua graça!... Pois se lá em Lisboa quantas vezes já tive que me defrontar

com êsses tais fantasmas! E olhem que quem fugiu nunca fui eu, afirmo-lhes!»

— «Lá por Lisboa também «êles» aparecem? Não terão medo dos policías?!» Preguntaram, interessados, os pequenos.

— «Medo dos policías? «Êles»?!! Medo tinham mas era de mim! (e sorrindo-se, altivo): Ainda me parece que foi ontem, quando uma noite, não estando para a maçada de estudar, fui dar um passeio pelo jardim lá do palácio... Eis, senão quando, surge uma figura muito esguia, tôda vestida de preto, dirigindo-se-me...»

— «E depois, e depois?» inquiriram, pasmados, os três garotos.

— «Depois?! Olhem, peguei num pau que, por acaso, tinha ao meu alcance e záz!...»

— «Matou-o?!»

— Não sei; fi-lo desaparecer duma vez para sempre. E adeus fantasmas! Jámais sentiram tentações de me visitar!»

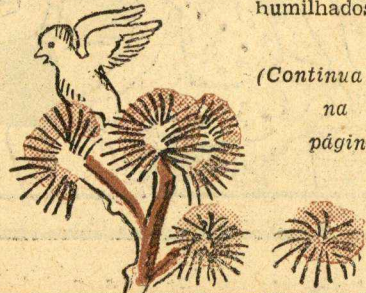
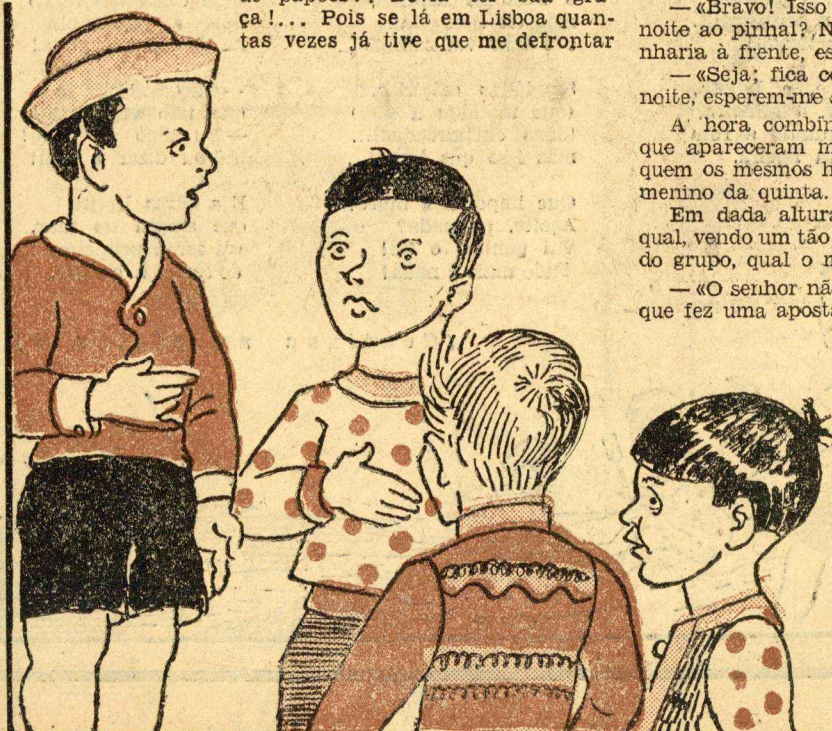
— «Bravo! Isso é que é coragem! Será capaz de ir esta noite ao pinhal? Nós iríamos atrás de si... O menino caminhará à frente, está claro...»

— «Seja; fica combinado. Hoje, lá pelas onze e meia da noite, esperem-me aqui. O resto fica a meu cargo!»

A hora combinada, não foram apenas os três garotos que apareceram mas sim quasi tôda a gente da aldeia, a quem os mesmos haviam divulgado a espantosa audácia do menino da quinta.

Em dada altura, passava, por acaso, o sr. professor, o qual, vendo um tão grande ajuntamento, perguntou a alguém do grupo, qual o motivo daquela reunião...

— «O senhor não sabe?! Foi o menino José, lá da quinta, que fez uma aposta em como iria esta noite correr com os fantasmas do «Pinhal Negro»... Creio que já fez o mesmo lá em Lisboa e que deixou todos boquiabertos. Até os próprios policías se sentiram humilhados...»



(Continua
na
página 4)

O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas:

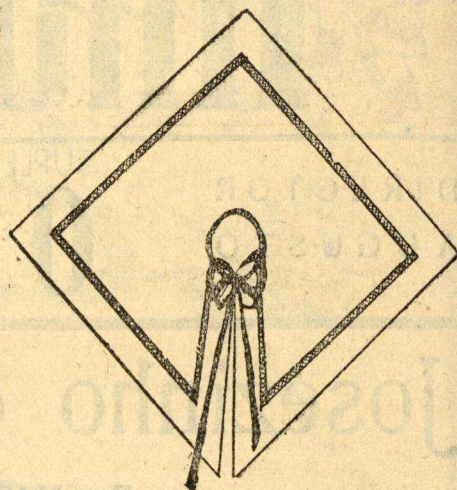
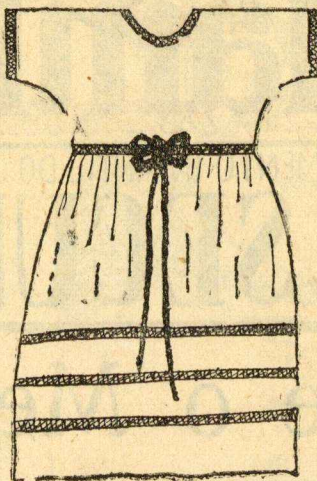
Fazer um fato de baptisado!...
Perspectiva de grande festa!...
Grande e linda festa consagrada a um entezinho novo que vem ocupar um lugar muito querido no nosso coração e na nossa vida!...

Quanta alegria e ternura!...
Que bom será, pois, realizar essa festa, convidando a maior amiguinha para madrinha do «bébé». Um dos primos será o padre; outro, o sacristão. Haverá muitos convidados, aos quais será servido um belo lanche oferecido pelos avós maternos!

Digam-me: — E' ou não uma bela idea?

E para aumentar o encanto que nos trazem sempre os preparativos destas cerimónias, dá-se a circunstância do fato não dar quási trabalho algum a fazer.

O espelho é cortado sem costuras nos ombros e a saia é uma tira a direito, enfeitada com uns entremeios de renda que se pega ao corpo com



um franzido. Para executar a capa, corta-se um quadrado, fazendo-se a frente e abertura, de qualquer das pontas até ao meio.

E', também, enfeitada com entremeio e fecha como umas fitas que dão um

laçarote. O tecido pode ser cambraia, cassa ou organdi.

Boa realização e um belo divertimento vos deseja a

ABELHA MESTRA

A BARCA LIGEIRA

Por GRACIETTE BRANCO

O' barca ligeira,
que singras no mar,
vais ser a primeira,
de-certo, a chegar...

Velas entufadas,
vento bonançoso.
Crianças queimadas
de olhar ansioso...

O mar é feliz!
Contente consigo
em cada petiz
tem um velho amigo!

Na grande corrida
de barcas ridentes,
resume-se a vida
dos seus concorrentes!

A barca ligeira
de branco pintada
vai ser a primeira!...
diz a petizada!

O Chico, a Lolota,
o Vasco, a Mineira,
vão seguindo a rota
da barca ligeira.

Alegres, felizes,
junto à maré-cheia,
os pés dos petizes
dão pulos na areia.

Já todo se molha
o Zezinho Arlindo,
mas ele nem olha
e o mar vai subindo...

Sandálias caçadas,
(que mandou a mãe)
tôdas encharcadas!...
mas isso que tem?!...

Que importa a maré?
Açoite, palmada?
Vai ganhar o Zé!
Tudo mais é nada!

Empurram-se todos
na borda da praia.
A Lô tem maus modos,
já rasgou a saia!

O Quim roi a unha!
(que coisa tão feia!)
Sobe a caramunha
na borda da areia!

— Chega-te p'ra lá,
que não vejo bem!
— Eu digo ao papá!
Vou dizer à mãe!

E a barca ligeira
que singra no mar,
vai ser a primeira,
de-certo, a chegar.

(Continua na página 6)



Mãezinhas

Por RUY D'AÇO

Numa macia cama do «Benard»,
A desfazer-se em rendas de valor,
Eis a «bébé-Jumeau» a repousar
Junto da sua dona, um lindo Amor!

E, simples como é, vêde que tela!
Como esta «paz dum lar» nos entenece
E como a boa «mã» se nos revela,
Junto da bonequinha que... adormece!

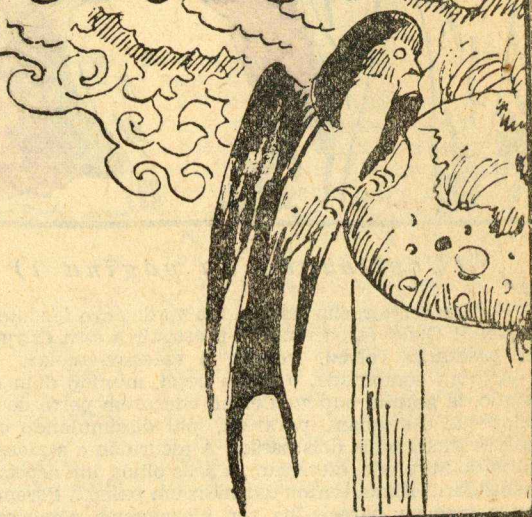
Olhai que, embora a tarde esteja quente,
As roupitãs, agora, lhe entalou,
Pois podia mexer-se e é mais prudente...
Que, há dias, já Bébé se constipou...

Olhai como ela corre essa cortina,
Não vá roubar-lhe a «filha» um raio do Sol...
E que canção tão doce agora trina,
Que mais parece a voz dum rouxinol!

Mas, eis que, na varanda, uma andorinha
Nêste momento entrou e, sem pousar,
Elevando no bico uma palhinha,
De novo, alegremente, corta o ar...

Corre a criança a vê-la, mas em vão,
Que lá no azul a outra já esvoaça...
(E ela sentiu partir-se o coração,
Por ter julgado aquilo uma pirraça!)

Que havia de fazer? Em sobressalto
Torna a ir à janela e vê, então,



Que junto do beiral, lá bem alto,
Andava um belo ninho em construção...

Hei de vê-la, pensou, hei de ajudá-la!
Pois à mamã ouvi, ontem, dizer,
A uma das visitas, lá na sala,
Que as mãis se devem tôdas proteger!

E, como que inspirada, num repente
Avança para a cama da boneca:
— Pobre de ti, Bébé, pobre inocente,
Vais ficar, esta tarde, sem soneca!... —

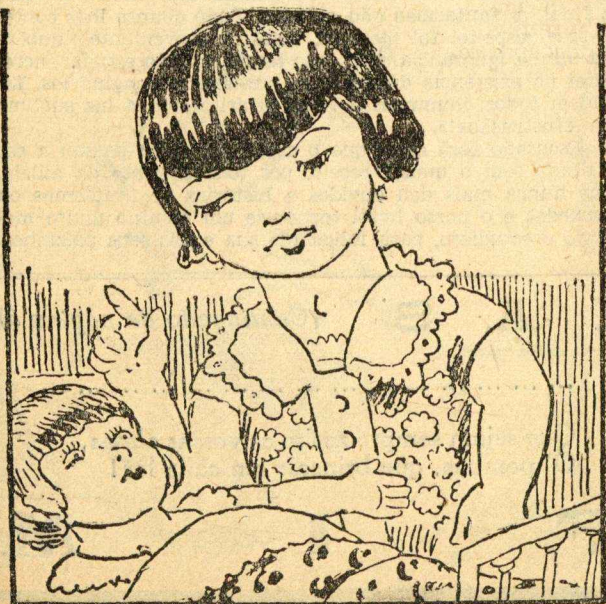
Mas Bébé... não chorou. E quando a «mã»,
Cuidadosa, a ergueu, por entre os fólhos,
Mostrou que... «achava tudo muito bem»,
No sorriso que teve, abrindo os olhos...

E a «mã», p'ra outra mã, tão carinhosa,
Agarra nos colchões, sem mais cuidado,
Crava-lhe as lindas unhas côr de rosa
E... ei-los, por fim, abertos, lado a lado!...

Então, como quem espalha o seu tesoiro,
Lançando vai, por uma e outra banda,
Pedacinhos de palha, que um sol d'oiro,
Enché de brilho intenso na varanda.

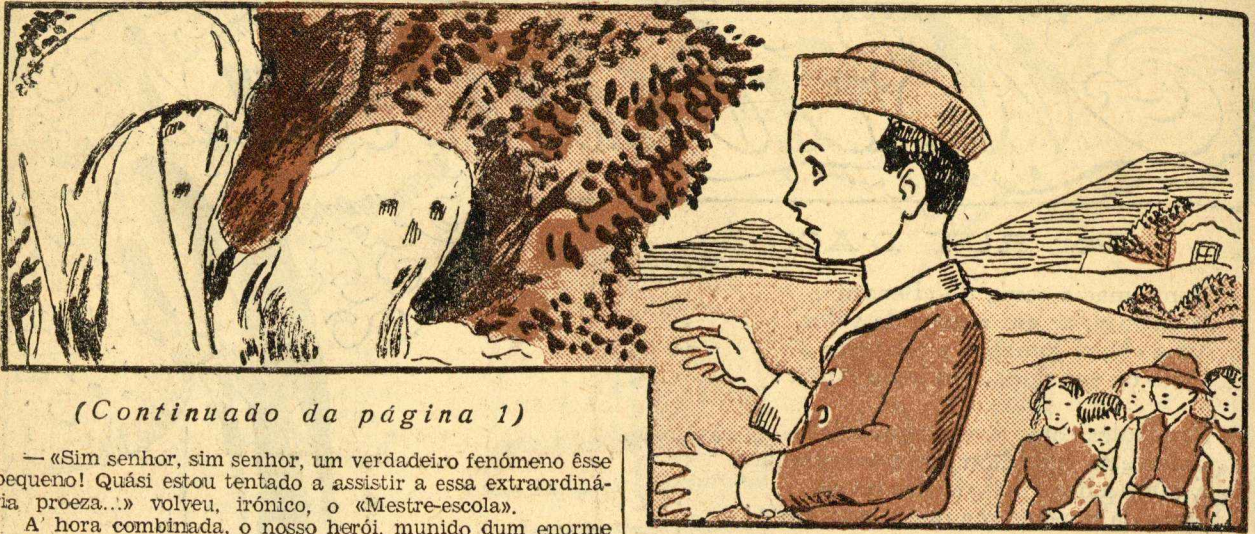
Isto viu a andorinha. E com que graça
Desceu as ásas pelo ar sereno!
Saltita na varanda... pára... esvoaça,
Mirando, cubiçosa, o louro feno...

Cria coragem... Toma confiança,
Entra no quarto... Chega mais pertinho,
E, pouco a pouco, os colchões da... «criança»
Tinham passado todos para o ninho...



(Continua na página 4)

JOSÉZINHO E O MESTRE ESCOLA



(Continuado da página 1)

— «Sim senhor, sim senhor, um verdadeiro fenómeno esse pequeno! Quasi estou tentado a assistir a essa extraordinária proeza...» voltou, irónico, o «Mestre-escola».

A' hora combinada, o nosso herói, munido dum enorme cajado, lá seguiu, imponente. Ao chegarem perto do pinhal, todos que o seguiam, pararam, mal dissimulando o medo. José avançou mais dois passos. A escuridão e a massa compacta do arvored, ofereciam, a seus olhos, um aspecto amedrontador... Ainda tentou dar mais um passo... Porém, começou a tremer; parecia-lhe ver, claramente, sombras estranhas, monstros horripilantes; sentia até risadas de arrepiar os cabelos. O suor inundava-lhe o rosto. As pernas tremiam-lhe e ia quasi desfalecendo de pavor, quando sentiu que

Ai Jesus, em que eu me vim meter! Se não fôsse mentiroso e fanfarrão, a estas horas estaria muito sossegado a dormir na minha fôfa caminha... Oh! é horrível! Fugamos daqui, tenho muito medo; se não estivesse tão acompanhado, de certo já teria morrido...»

— «José; falei-lhe num meio seguro de acabar, de vez, com os fantasmas...»

— «Mandando vir um exército, talvez?...»

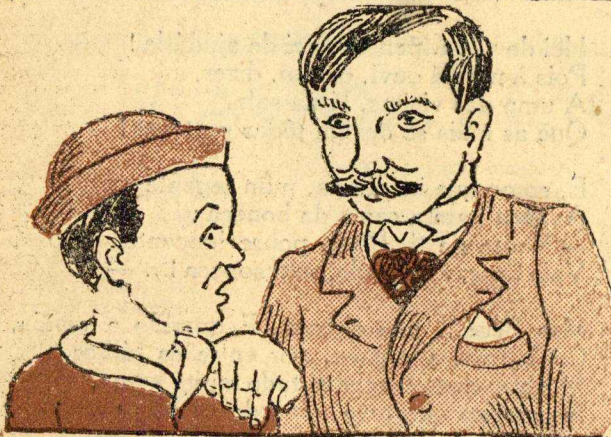
— «Qual exército, nem meio exército! O meio seguro de que lhe falo é bem diferente. Sabe qual é? E' estudar, aprender, fugir da ignorância perigosa em que tem vivido e adquirir as luzes necessárias para não tornar a cair neste imenso ridículo! Esses monstros esquisitos que pretendeis ver e que estes pobres camponeses julgam existir, não são mais do que uma sugestão proveniente da imaginação doentia dos individuos. Ora aproxime-se; venha comigo e veja... O que julgava ser um enorme monstro, não é mais do que um tronco já carcomido pelos anos... Aquela pedra, mais além, parecia-lhe a cabeça duma pessoa... Se o meu amiguinho tivesse estudado, em vez de se contentar em ser rico e gozar a vida sem trabalhar, já não daria crédito ao relato dessas fantasmagorias criadas pelos pobres de espírito, pelos ignorantes, por aqueles que, suponho tudo sabem, nada sabem...»

— «Tem razão, mestre. Vou estudar com entusiasmo. Foi realmente uma vergonha ter acreditado nestas historietas!»

Então, enfrentando a multidão, curiosa, que o cercava, disse-lhe, penitenciando-se da sua fanfarronice:

— «Vamos todos entrar no pinhal sem medo, porque, a final, os fantasmas não existem. Tudo quanto lhes contei a' esse respeito, foi mentira, mentira proveniente também da minha ignorância, pois, não tendo querido estudar, acreditei na existência desses seres puramente imaginários. Estudem todos, iluminem o vosso espírito com a luz sublime da «Instrução»!».

Escusado será dizer que o «Pinhal Negro» passou a ser visitado sem o menor receio, por toda a gente da aldeia, que nunca mais deu ouvidos a histórias de fantasmas ou bruxedos e o nosso herói tornou-se um menino muito modesto e estudioso, para felicidade sua e dos seus paizinhos.



«alguém» lhe tocava suavemente nos ombros. Não ponde mais. Gritou desesperadamente por socorro, tentando libertar-se. Todavia esse «alguém» segurou-lhe, com firmeza, o braço e disse-lhe:

— «José, não tenha receio, sou eu, o «Mestre-escola»... Então, é assim que manifesta essa extraordinária valentia?! E' assim que vai correr com os seus fantasmas do pinhal? Porque não empregou o meio seguro de acabar com eles para sempre?»

— «Meio seguro?! Então, o senhor não reparou, não viu uma cara enorme, de boca aberta e de olhos esbugalhados?...

M Ã I Z I N H A S (Continuado da página 3)

Entanto a «mãe» para a «filhinha» exclama:
— Minha Bébé, ficas sem colchõezinhos...
Fica talvez mais dura a tua cama,
Mas demos, hoje, um bérço aos passarinhos!

E contente... feliz, batia as palmas,
Em risos cristalinos pelo ar!...

.....

Que sejam sempre assim as vossas almas,
O' pombas, que brincais em cada lar!

F I M

A VIDA ATRIBULADA de JOAQUINA BISPO

O MONSTRO

POR
ISOLDINA

Desenhos de **ARCINDO**

Como os meninos se devem lembrar, a Joaquina era uma pobre campônia que nunca vira as luzes da cidade nem o combóio, até ao momento em que um resineiro a levou para a cidade, montada num jericó. Quando chegou à cidade, parecia um bichinho. Querem os meus amiguinhos saber mais uma das suas? Lá vai...

Um dia, depois de saírem umas vistas, mandaram-lhe fechar as janelas da sala. A Joaquina foi, gritando, a bom gritar, ora com os braços no ar, ora a tapar a cara, a correr e a olhar para trás, com um grande terror estampado na cara de palerma, que a livrava da acusação de ter inventado a pólvora.

A cozinheira deixou queimar o refogado para lhe acudir. A dona da casa tropeçou na cáuda do seu vestido de interior e, caíndo, fez um galo na cabeça. O Raimundo, que estava a deitar a última ração de milho aos perús e galinhas, largou tudo, o que fez os habitantes do galinheiro dizerem uns para os outros:

— «Eh! camaradas!... E' aproveitar a liberdade que nos dão!» E escapuliram-se pelos quintais vizinhos.

O Tonéca estava fazendo a sua escrita: e para correr, deu um sopapo no tinteiro que se entornou sobre o caderno; e o papá do Tonéca, que era pintor e nesse momento dava os últimos retoques num lindo quadro que tencionava enviar à exposição, quando tal alarido ouviu, deu um safanão no pincel e borrou a pintura.

No meio daquela confusão toda, estava a Joaquina estirada sobre uma cadeira, sem forças, arquejante, murmurando com os olhos esbogaçados: — «Água! água!...»

— «Mas onde é o fogo? Dize, mulher, fala! bradavam todos, aflitos. Para que é a água?»

— «Para bú... bú... bêr» — e levava a mão à garganta seca.

Depois de beber um copo de água, falou então:

«Monstro, monstro! Querem-me matar!»

— «Oh! oh!» diziam, olhando uns para os outros, intrigados.

— «Sim, o menino, noutra dia, disse que monstro era uma coisa *muto* grande, *muto* grande... gemeu ela.

E a senhora mandou-me lá dentro e está lá um, com os dentes arreganhados para me comer; e vai... fugi; nunca quero lá ir mais!»

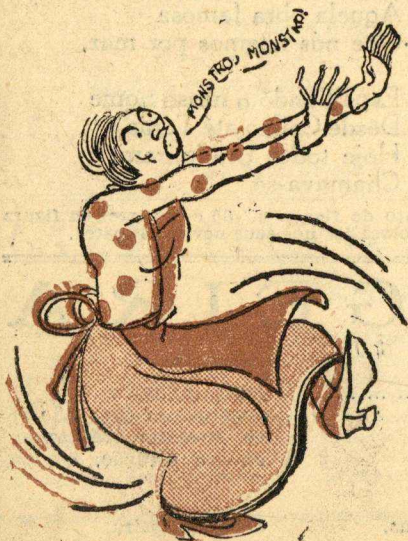
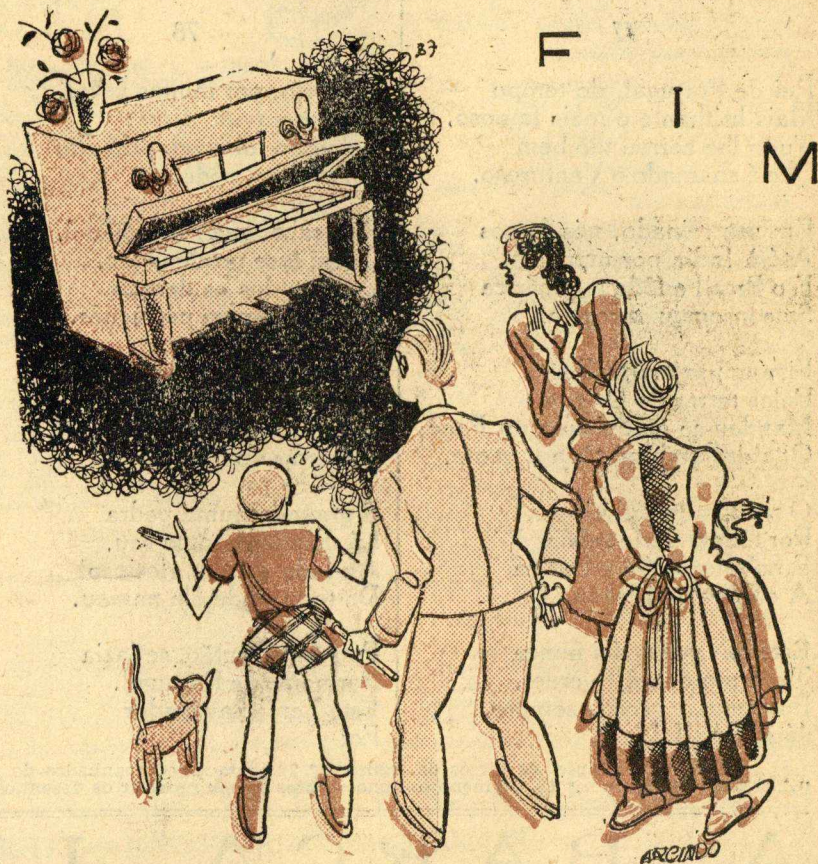
— «Mas tu, és doida, rapariga?»

— «Sou doida, sou. Vão lá ver; *como*

são *muntos* talvez êle tenha medo e *num les* faça mal.»

Foram todos, sem medo, é claro, mas cheios de curiosidade e quando viram o que motivara o susto da Joaquina, as gargalhadas retumbantes não tinham fim, até que todos já choravam de tanto rir. Fôra, apenas, seguinte:

No salão grande, e um pouco escuro pela sombra do arvoredo fronteiro, e ainda pelo adiantado da tarde, ficava mais escuro o canto onde estava colocado o piano, voltado para a entrada. Alguém o deixara entre-aberto; e, com as téclas brancas, destacando no fundo escuro, dava a impressão de uma descomunal boca arreganhada. Ora os meninos se têm piano, experimentem e vejam se, de surpresa, não será motivo de assustar uma pobre pacóvia.



A N E D O T A S

Coligidas por N. T. P. P.

No restaurante

O freguês, que está almoçando, para o criado que lhe colocou diante um naco de bellissimo queijo *Gruyère*,

cheio de buracos, que mais pareciam olhos:

— José, tira-me êsse queijo daí. Não posso comer descansado quando olham para mim com insistência!...

CONCURSO: -Grandes de Portugal



77

Rei de Portugal, do tempo
Mais brilhante e mais famoso,
Tudo lhe correu tão bem
Que é chamado o Venturoso.

Em seu reinado, nós fomos
Até à Índia por mar,
E o Brasil e tãda a América
Se conseguiu encontrar.

Fizeram-se maravilhas
Pelas terras do Oriente;
Mandou-se embaixada ao Papa,
Que deslumbrou tãda a gente.

O nosso nome glorioso
Por tãda a parte rebõa
E no mundo é a primeira
A cidade de Lisboa.

Este rei, que quãsi nunca
Tevê um desgõsto cruel,
Pois tudo lhe sorriu sempre,
Jã sabeis, foi



78

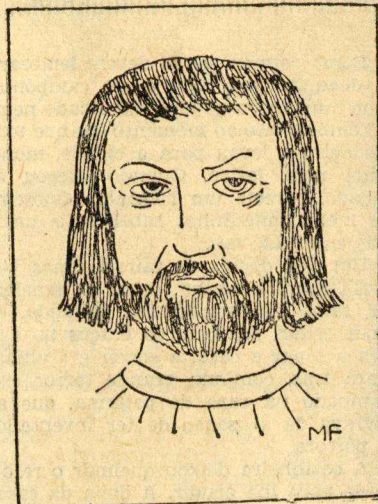
De-certo, por muitas vezes,
Tendes ouvido dizer:
Colombo foi quem primeiro
A América pôde ver.

Pois sabei que assim não é,
Quem êsse prodígio fez,
Como todos os demais,
Foi um homem português.

Este que, agora, aqui vêdes
Sem custo também foi lá,
Descobrimdo, certo dia,
As terras do Canadá.

E gravado numa pedra
Lá deixou o nome seu,
Ao lado do tão glorioso
Da terra onde êle nasceu.

Pois tudo, então, se fazia
Por nome de Portugal.
Este herói navegador
Foi



79

Nem só nos feitos das armas
A bela glória se encerra.
Hã muitas, muitas maneiras
De engrandecer nossa terra.

Este homem não foi guerreiro,
Nem em viagens andou:
Foi matemático ilustre.
Seu saber maravilhou.

Estudando, sem descanso,
Quãsi tudo êle sabia
E os cálculos mais difíceis
Sem nenhum custo fazia.

O seu tão vasto saber
Em muito foi ajudar
Aquela obra famosa
Que nós fizemos por mar,

Espalhãdo o nosso nome
Dêsde Ceilão até Túnis.
Hoje todos o admiram.
Chamava-se

Devido a um lapso, os versos da figura n.º 72 vieram acompanhados do retrato da figura n.º 80 e os versos da figura n.º 80 trarão a figura n.º 72. Os meninos concorrentes devem recortar os desenhos e colocá-los nos seus devidos lugares.

A BARCA LIGEIRA

(Continuado da página 2)

O Sol, no horizonte,
mergulha no mar!
A direita, o monte
parece cismar...

As velas formosas,
entufam redondas...
Galvotas airosas
vêm beijar as ondas...

E a barca pequena,
singrando no mar,
na tarde serena
que vai a expirar,

ganhou a corrida!
Hã vivas e gritos!
Na praia garrida
ressoam apitos!

... ..
Pela vida além,
tãda a petizada,
jã longe da mãi,
da praia doirada,

das velas redondas,
dos baldes iguais,
da areia, das ondas,
e de tudo o mais,

levará presente,
quer queira quer não,
na memória ardente
do seu coração,

a barca ligeira,
singrando no mar,
que foi a primeira,
de-certo, a chegar!

Hora de Recreio

Número 20
2.º CAMPEONATO

Secção Charadística

25 SETEMBRO
1 9 3 7

CHARADAS PALAVRAS CRUZADAS

10-

CHARADAS NOVISSIMAS

1 — Com a mão esquerda e com uma clava consegui bater este tecido grosseiro feito de cânhamo. — 2-2.

A. Seravat

2 — Notava-se no seu rosto o receio de pegar no cirio por ser frágil a «embarcação» — 2-2.

António Pequeno

SINCOFADAS

3 — Há muito instrumento de corda na povoação — 3-2.

A. Matoso

4 — O homem quis comparar o que o outro estava a narrar — 3-2.

Américo B Fernandes

MEFISTOFÉLICAS

5 — Não sei se foi no fôssco ou se na sepultura que eu vi o «peixe» — (2-2) 3.

Adriano Reis

6 — Nado com movimento regular e já estou muito afastado da praia — (2-2) 3.

Ailema

DUPLA

7 — Numa subida de avião, voei, voei e vim descer a esta ilha inglesa no Atlântico — 3.

ENIGMA TIPOGRÁFICO

8 —

K K K

10 letras

António Freire

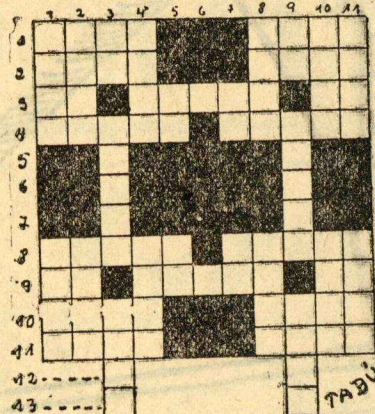
MAÇADA GEOGRÁFICA

9 —

Vinde colado

Alfredo Matos Boavida

PROBLEMA N.º 13



HORIZONTAIS: 1 — Instrumento de ataque ou de defesa; vigília. 2 — Tempo do verbo ler; flancos. 3 — Interjeição; procuras; pronome. 4 — Líquidos untuosos e inflamáveis; pôr. 5 — Consoante; vogal. 6 — Consoante; consoante. 7 — Vogal; vogal. 8 — Dêste modo; movimento convulsivo e ruidoso que resulta da passagem rápida do ar pelos brônquios e pela traqueia. 9 — Pronome; terra portuguesa; aragem. 10 — Argolas; espreita. 11 — Rebólo; peça de artilharia em forma de morteiro. 12 — Consoante; vogal. 13 — Vogal; vogal.

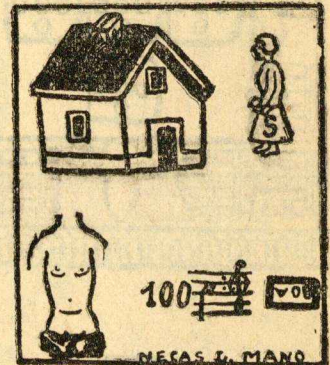
VERTICAIS: 1 — Elevado; ligar. 2 — Régio; líquido que se separa do leite coado. 3 — Ruim; lugares desertos; letra. 4 — Não; pronome demonstrativo. 5 — Artigo; nota musical. 6 — Consoante; consoante. 7 — Proposição que denota privação; pronome. 8 — Embarcação; embaçado. 9 — Artigo que se empregava antigamente para designar o rei; paus de jogar o bilhar; instrumento de palheta, semelhante ao clarinete. 10 — Caixa de fôlha; 4 letras de sacudir. 11 — Agarrar; tempo do verbo ser.

RESULTADOS FINAIS DO I CAMPEONATO

Produções publicadas 104

DECIFRADORES

Pirucas, 104 (totalidade); Adriano Reis e Fomigas, 103; Oliveiraribeiro, 87; Renato R. Paulo, 85; António Freire (Arléquin), 77; Manecas & Tonecas, 74; Zé Fernando, 66; Jorge Pereira, 64; Emídio Matias Pinto, 60; Zé, 59; Maridália, 49;



COMBINADAS

11 — 1+to = ave palmípeda

1+co = traço

Conceito: Capital europeia.

Alberto Lopes de Melo

12 — 1+cil = frágil

1+oso = zeloso

1+nico = pagão

1+la = quadro

1+cura = alvura

1+bre = «mineral»

Conceito: Poetisa

Alice Dias Pereira

Zette, 48; Almerinda Práia Carvalho, 44; Rex, 41; Manuel Aguincha, 36; Bêu e Lucas, 30; Lince, 27; Aurora Guerra Ervedoso e Mário da Silva Fernandes, 26; Freira, 25; Dario dos Santos Frazão e Misita, 24; Sob-Chavena, 22; Colhado e Homem-Sombra, 21; Luciano Malheiro, 19; Dr. Siringa, 18; Celso, 13; Zé Manel, 12; Aba, Lequítas e Moreno, 10; Pipocas, 9; 480, Alberto Veiga Leitão, Alice Dias Pereira, António Enes do Amaral, Artur Enes do Amaral, Cacáná, Chimicom, Dulia Enes do Amaral, João Veiga Leitão, Joviar, Lenita, Luciano Moreira, Manel & Cesaltina, Mapereira, Maria Alice Botelho Moniz, Maria Helena, Marmelo Verde, Mosqueteiro do Ar, Tim e Uma tricana, 8; Bel & Zeca, 7; Crisante Taborda, 6; Dr. Bigodes, 5; Joaquim Maria de Sousa, 4; António Dias e Maria Cecília A. Duarte de Sousa, 1.

CAMPIÃO DE DECIFRADORES

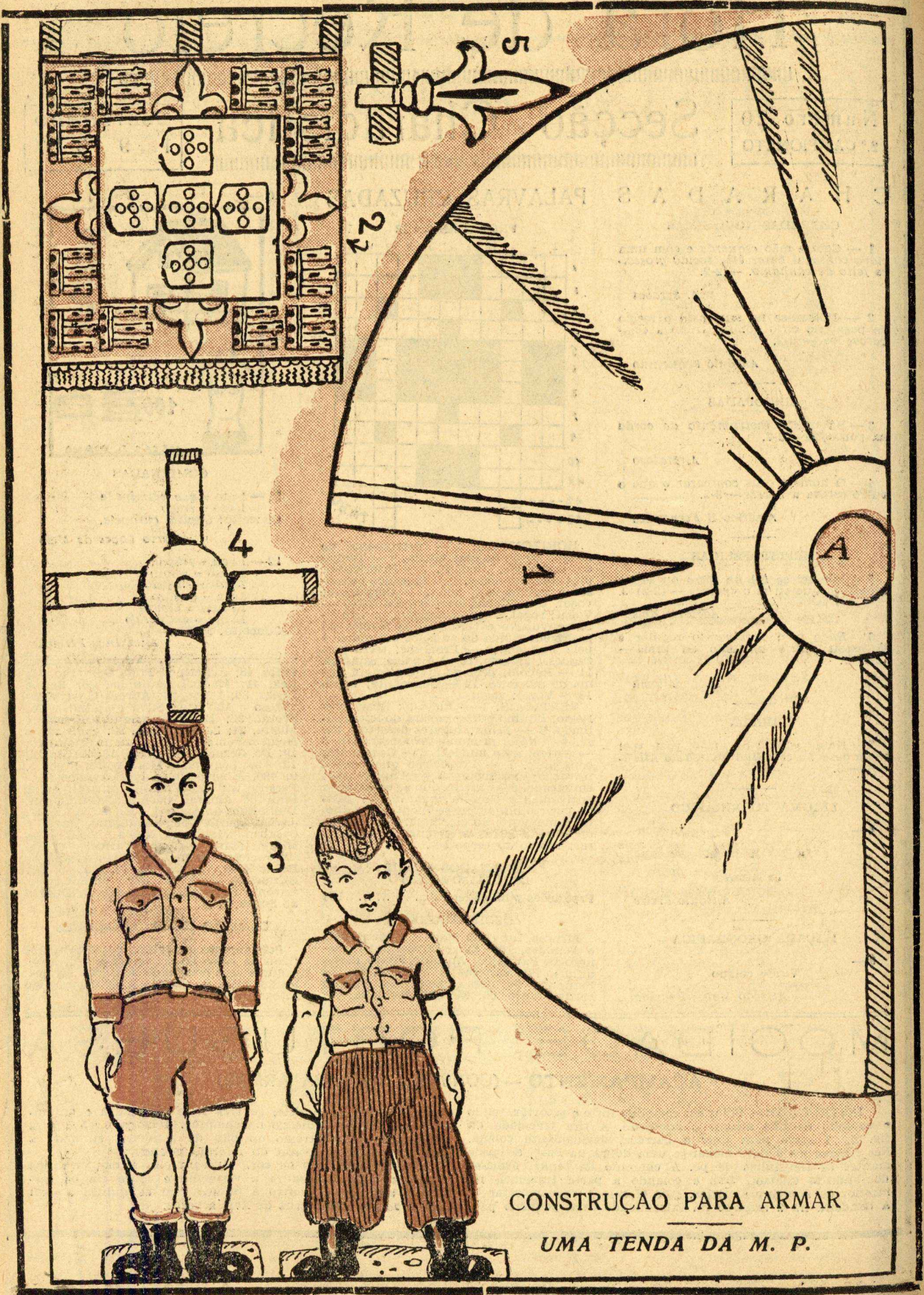
Pelo exposto se verifica que este título ficou de posse do concorrente «Pirucas» a quem será concedido o prémio estabelecido, além do direito a publicação da fotografia em lugar de destaque.

MOCIDADE PORTUGUESA ACAMPAMENTO — (CONSTRUÇÃO PARA ARMAR)

INSTRUÇÕES: — Colar em cartolina forte e recortar, tendo o cuidado de não atingir o contorno. A tira tracejada da fig. n.º 1 serve para unir a barraca, devidamente colada. Nas figuras n.º 3 deve deixar-se uma dobra na base, a fim de manter as figurinhas de pé. A chaminé da tenda, arma-se dobrando as quatro tiras e colando a parte tracejada no interior da abertura superior, cujo círculo A deve recortar-se. A bandeira n.º 2 arma-se na extremidade dum pequeno pau,

enrolando, em volta dêle, as três tiras tracejadas e enfiando-o pelo orifício indicado na chaminé. A lança n.º 5 é para ser colocada no extremo do pau da bandeira, enrolada a parte tracejada na ponta do referido pauzinho.

Colorir com lápis de cor, ou aguarela, a bandeira nos seguintes tons: Cercadura a vermelho e sobre ela os castelos a amarelo; o centro a branco com as quinas a azul claro e as pontas da cruz de Aviz a verde.



CONSTRUÇÃO PARA ARMAR
UMA TENDA DA M. P.